

PESQUISA COM LÍDERES RELIGIOSOS: QUESTÕES ÉTICAS E METODOLÓGICAS

*Maria das Dores Campos MACHADO**

RESUMO: Este artigo analisa o percurso metodológico de duas pesquisas qualitativas que tinham o propósito de conhecer percepções e atitudes de lideranças religiosas sobre uma série de problemáticas contemporâneas. Envolvendo sujeitos sociais de diferentes tradições e grupos no interior de uma mesma religião, essas investigações apresentaram várias dificuldades e exigiram grande criatividade dos pesquisadores para encontrar soluções que não comprometessem a compreensão do fenômeno estudado. Dividido em quatro seções, início com uma breve introdução sobre o estágio atual das pesquisas comparativas na área da religião e na segunda seção examino a experiência de uma pesquisa sobre as opiniões e iniciativas de líderes religiosos sobre as múltiplas sexualidades. Na terceira seção, discuto a metodologia e os desafios enfrentados em uma pesquisa com líderes pentecostais sobre questões socioeconômicas, culturais e políticas. Finalizo o texto com algumas considerações sobre a complexidade das pesquisas com personalidades públicas na subárea da sociologia da religião.

PALAVRAS CHAVE: Pesquisa. Metodologia. Liderança.

Introdução

A Sociologia da religião tem se desenvolvido num constante diálogo com a Antropologia e a grande maioria das pesquisas apresenta um caráter qualitativo e circunscrito a uma confissão religiosa ou a grupos que integram um movimento

* UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Serviço Social – Campus da Praia Vermelha. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 22290-240 – mddcm@uol.com.br

confessional: caso dos estudos sobre o pentecostalismo e a Renovação Carismática Católica¹, para ficar nos dois movimentos de maior relevância nas últimas duas décadas. Poucos são os trabalhos que adotam a perspectiva comparativa investigando distintas religiões² e isso se explica, em parte, pela grande assimetria existente entre as tradições confessionais na sociedade brasileira onde, segundo os dados do Censo de 2010, 64,6% dos indivíduos são católicos, 22,2% são evangélicos, 1,3% são espíritas, 1,8% estão vinculados a outras religiões e 7,4% não têm religião. Ou seja, a importância do cristianismo tem feito com que as comparações privilegiem as comunidades religiosas com maiores representações na sociedade brasileira.

Por outro lado, as áreas de conhecimento que mais têm realizado estudos sobre as trajetórias e os discursos das personalidades públicas e ou dos políticos profissionais são a ciência política e a história. A Sociologia avançou mais nas análises das lideranças organizacionais, mas não temos uma produção bibliográfica significativa sobre a construção das lideranças das organizações religiosas e muito menos ainda investigações comparativas sobre as opiniões e atitudes de lideranças³ das várias tradições confessionais. Nos últimos anos, o crescimento da participação dos evangélicos e dos carismáticos católicos na política partidária fez com que alguns sociólogos e antropólogos da religião começassem a estudar a trajetória e a atuação parlamentar desses atores políticos. Entretanto, os trabalhos que adotam a perspectiva comparada para os atores das diversas identidades religiosas são recentes e referem-se às participações nas disputas eleitorais ou nos poderes legislativo e executivo de uma determinada cidade ou estado⁴.

Informo que estou tomando como líderes não só os/as especialistas do sagrado – rabinos/as, pais/ mães de santo, padres, freiras, médiuns, pastor/a, etc. – mas também políticos/as com identidade confessional e leigos/as que dirigem grupos religiosos ou fazem a opinião pública em seu interior. Esse esclarecimento é importante, pois a posição social dos sujeitos no sistema de distribuição de autoridade expressa não só um maior ou menor conhecimento das ideias e práticas religiosas como também em compromissos diferenciados com a reprodução da comunidade e ou instituição religiosa. Nesse sentido, é necessário reconhecer que as confissões religiosas apresentam estruturas de poder distintas, que fixam e controlam de maneira diferenciada os sistemas de práticas e de crenças religiosas assim como de formação de quadros.

¹ A literatura sobre o pentecostalismo é vasta, mas os trabalhos de maior abrangência são os de Freston (1993), Freston e Antoniazzi (1994), Mariano (1999). Sobre os diferentes setores que compõem a Renovação carismática Católica ver Carranza (2000) e Carranza, Mariz e Camurça (2009).

² Camargo et al. (1975), Machado (1996), Mariz (1994, 2001), Mariz e Machado (1998) Benedetti (2000), Prandi (1998).

³ No catolicismo temos o trabalho de Ribeiro (2001) e de Pierucci (1978).

⁴ No campo da Antropologia, ver Oro (2004).

A religião hegemônica em nosso país apresenta uma estrutura horizontal, mas sua pluralidade interna e sua capacidade de absorver divergências são também históricas. De modo geral, quanto mais alto for o cargo do ator social dentro de uma instituição centralizada, como a da Igreja Católica, maiores são as suas responsabilidades com a mesma e isso implica um discurso mais alinhado com a doutrina oficial⁵. Contudo, existem tradições que apresentam um caráter bastante fragmentário e formas de preservação e reprodução de suas crenças e práticas especialmente via oralidade como as religiões afro-brasileiras. Essas diferenças na forma de organização, somadas as especificidades das cosmovisões, tornam a tarefa da comparação mais complexa exigindo um conhecimento ampliado das religiões que, muitas vezes só é possível quando se conta com uma equipe de especialistas das diferentes confissões. Essa é uma segunda razão para o fato de termos pouca investigação em perspectiva comparada na Sociologia da Religião brasileira.

Nos últimos cinco anos, eu participei da coordenação de duas investigações sobre as opiniões e iniciativas de líderes religiosos na sociedade brasileira e em ambas a equipe de pesquisadores enfrentou dificuldades que expressam tendências atuais no campo das agências financiadoras e merecem reflexão. A primeira, intitulada “Homofobia e violência: um estudo sobre os discursos e as ações das tradições religiosas brasileiras em relação aos GLTB”, foi desenvolvida entre 2008 e 2009 e envolvia cinco tradições religiosas. A segunda pesquisa, “Líderes Pentecostais na América Latina: atitudes socioeconômicas e políticas”, como o próprio nome indica, é circunscrita aos/as líderes e políticos/as pentecostais. Essa investigação teve início em 2011 e a etapas de realização e transcrição das entrevistas já foram cumpridas, permitindo as considerações da terceira seção desse artigo.

Driblando preconceitos

Em 2007, o Ministério da Saúde lançou um edital para estimular pesquisas sobre a discriminação com base na orientação sexual e uma das linhas de investigação relacionava a dimensão religiosa com a homofobia. Uma equipe da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro elaborou o projeto de pesquisa “Homofobia e violência: um estudo sobre os discursos e as ações das tradições religiosas brasileiras em relação aos GLTB”⁶ que acabou sendo

⁵ No outro braço do cristianismo, o evangélico, os grupos apresentam formas diferenciadas de governo como o Congregacional episcopal e presbiteriano (FERNANDES, 1988).

⁶ Atuaram as antropólogas Fernanda Delvallas Piccolo (vice-coordenadora), Myriam Lins de Barros, Andrea Moraes Alves, a assistente social Luciana Zucco e os sociólogos José Pedro Simões e eu, um aluno de pós-graduação, Murilo Motta.

selecionado e financiado pelo Ministério, por meio do Projeto de Cooperação Técnica Internacional AD/BRA/03/H34 firmado entre o governo brasileiro e o Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime / UNODC. Uma das exigências do processo seletivo foi a submissão e aprovação da proposta a um comitê de ética com a devida inclusão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. De modo que nossa equipe apresentou o protocolo dessa pesquisa ao Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem Anna Nery da UFRJ e todos os participantes assinaram o Termo (MACHADO; PICCOLO, 2010).

Era a primeira vez que nos defrontávamos com essa exigência e, embora estranhando a extensão para as áreas das Ciências Sociais de procedimentos das ciências biomédicas, não conseguimos avaliar bem as implicações que esse procedimento tem para a investigação sociológica e em especial aquelas que lidam com problemáticas controversas como o tema da diversidade sexual. É preciso esclarecer que o objetivo central de nossa proposta era levantar as percepções e mapear as ações de lideranças religiosas de cinco tradições religiosas – católica, evangélica, espírita, afro-brasileira e judaica – acerca das relações de gênero e da sexualidade humana. Para verificar, ainda que de forma exploratória, o impacto destas percepções junto aos integrantes dos coletivos LGBT, investigamos também o processo de construção da subjetividade e as carreiras sexuais de cinco gays e cinco lésbicas que participavam dos grupos confessionais selecionados. No âmbito desse artigo, explorarei, entretanto apenas a parte relacionada às opiniões e iniciativas das lideranças.

O primeiro desafio enfrentado pelos pesquisadores tinha a ver com o estágio de desenvolvimento do campo de pesquisa. Seguindo a tendência assinalada anteriormente, a maioria da literatura que explora a relação entre a religião e a orientação sexual concentra sua investigação em uma religião, com a predominância dos estudos sobre os cultos afro-brasileiros (LANDES, 2002; BIRMAN, 1995; FRY, 1982; SEGATO, 1986, etc.), seguido dos católicos (VALLE, 2006) e dos evangélicos (ROESE, 1999; NATIVIDADE, 2004, 2005; MACHADO, 1998). De modo que são poucos e recentes os estudos que contemplam dois ou mesmo três dos segmentos assinalados anteriormente (JURKEWICZ, 2005; NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2007). A nossa proposta inovava, ampliando o leque de das tradições religiosas investigadas, confrontando as percepções das lideranças cristãs e afro-brasileiras sobre as homossexualidades com as opiniões e ações sociais de importantes líderes dos segmentos espíritas e judeus a Região Metropolitana do Rio de Janeiro⁷ (MACHADO; PICCOLO, 2010).

⁷ Em especial os municípios do Rio, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Niterói e São Gonçalo.

A escolha da região de atuação das lideranças se deu em função de três fatores: a diversidade religiosa⁸; os constates embates entre dirigentes de estruturas eclesiais e os coletivos de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros (LGBT); e o engajamento crescente de lideranças evangélicas tradicionalistas na política institucional. Entretanto, ao longo da pesquisa, inserimos Teresópolis e Petrópolis, pois as redes nas quais os investigadores ingressaram levaram-nos a estes municípios. Deve-se esclarecer ainda, que a heterogeneidade na distribuição geográfica desses grupos confessionais na região estudada – católicos, espíritas e judeus concentrando-se nas áreas de maior poder aquisitivo dos municípios, enquanto os evangélicos e os afro-brasileiros mais representados em São Gonçalo e na Baixada Fluminense – fez com que priorizássemos as lideranças das áreas de maior representação estatística de cada uma dessas tradições nas cidades listadas acima.

A investigação utilizou diferentes abordagens metodológicas e lançou mão de distintas técnicas para a construção dos dados. De início foi realizada uma cuidadosa pesquisa documental nas publicações e sites dos grupos religiosos para identificar as posições assumidas publicamente pelas instituições sobre a temática da homossexualidade. A abordagem qualitativa também foi adotada para ouvir a liderança religiosa, mas empregamos a abordagem quantitativa para a construção de bancos de dados com informações sobre ações e projetos institucionais, materiais bibliográficos e recursos audiovisuais das religiões estudadas. Além disso, foram realizados *clipping* das notícias de jornais abordando a temática em questão e observação participante em grupos religiosos com sociabilidade dos segmentos LGBT. A combinação de fontes distintas para a construção dos dados visava à apreensão de diferentes visões e versões sobre os fatos, visto que estes são contextualmente apresentados, bem como para atentar de que maneira idiosincrasias individuais e constrangimentos sociais se arranjam (MACHADO; PICCOLO, 2010). A técnica de pesquisa adotada para abordar as lideranças religiosas das cinco tradições selecionadas foi a entrevista semiestruturada e o roteiro de entrevistas abordou os seguintes temas: atuação na instituição religiosa, percepções sobre as relações de gênero, sexualidade e família; percepções sobre a diversidade sexual; direitos sociais; violência e homofobia; DST/HIV/AIDS.

Como o objetivo da pesquisa não era explicar as causas do fenômeno da discriminação social com base na orientação sexual, mas sim identificar as atitudes e opiniões em determinados subgrupos da população – líderes de tradições religiosas distintas – em relação às relações de gênero e as múltiplas sexualidades, a amostra

⁸ Segundo Jacob (2006), a representação dos grupos não católicos na população era de 25,6% no município e 31,6% no restante da RM.

foi definida por quotas⁹. Inicialmente havíamos estipulado que ouviríamos duas dezenas de líderes, mas ao longo da pesquisa tivemos a necessidade de ampliar um pouco mais o número de entrevistas para aprofundar algumas questões¹⁰. A amostra foi delineada depois de um acurado levantamento na bibliografia, na mídia local e junto aos estudiosos que têm se dedicado ao acompanhamento sistemático dos grupos religiosos no estado fluminense. Para cada segmento indicado no projeto, procuramos listar pelo menos cinco nomes de prováveis entrevistados, adotando como critério fundamental, a importância dos mesmos no campo religioso do Rio de Janeiro. De modo que foi elaborada uma lista preliminar que contava com cem nomes de líderes com posições diferenciadas na comunidade religiosa.

Os contatos foram feitos tanto por telefone quanto pelo e-mail, e entre novembro de 2007 e maio de 2008 entrevistamos vinte e duas pessoas, distribuídas da seguinte maneira entre as tradições religiosas: católica (cinco), espírita (quatro), afro-brasileira (três), judaica (duas) e evangélica (oito) – sendo, desta última, das seguintes denominações: Luterana (uma), Batista (uma), Evangelho Quadrangular (uma), Presbiteriana¹¹ (duas), Congregação Cristã no Brasil (duas), Assembléia de Deus (uma). Embora o catolicismo seja a religião predominante no país, o número maior de entrevistados evangélicos se justificava em função da pluralidade de denominações no interior dessa tradição, da surpreendente expansão das igrejas pentecostais e das disputas travadas na esfera pública entre os dirigentes dessas igrejas e os movimentos LGBT.

O desequilíbrio de gênero no sistema de autoridade das diferentes confissões religiosas fez com que o grupo estudado fosse majoritariamente composto por homens (18), e que, a despeito do grande esforço da equipe de pesquisadores para recrutar líderes do sexo feminino para integrar a amostra, só conseguíssemos ouvir quatro mulheres em postos de liderança. Esse é um dado importante, pois a identidade de gênero é uma dimensão que pode interferir nas opiniões dos atores entrevistados reiterando ou problematizando o sistema de gênero existente na sociedade.

Embora constituída majoritariamente por autoridades religiosas, a amostra dessa pesquisa era, então, heterogênea com os posicionamentos dos entrevistados assumindo características diferenciadas em função da própria estrutura de autoridade das tradições religiosas nas quais estavam inseridas. Esses/as entrevistados/as demonstravam também capacidades distintas de oratória e autoridade. Foram identificados discursos mais ou menos cristalizados, conforme a posição nestas

⁹ Ver: Freitas et al. (2000).

¹⁰ Todas as entrevistas foram realizadas por um pesquisador doutor e uma assistente do projeto no local indicado pelas lideranças.

¹¹ Esses líderes foram ordenados na Igreja Presbiteriana, mas hoje atuam em outras igrejas.

hierarquias de poder e posturas dissonantes no interior de cada grupo religioso. De forma sintética, a posição hierárquica ou o lugar do qual os/as entrevistados/as falaram variou bastante e recolhemos depoimentos de diretores de seminários, presidentes de federações, sacerdotes, rabinos, pai/mãe de santo, médiuns, bispo, freira e leigos com cargo de coordenação no movimento religioso.

No decorrer da investigação a equipe da pesquisa teve de lidar com a dificuldade de acesso aos/às líderes de algumas das denominações religiosas previamente selecionadas, especificamente aqueles vinculados à Assembléia de Deus e à comunidade judaica, assim como entre os parlamentares com identidade religiosa pentecostal. Essa dificuldade resultava em parte do contexto em que a pesquisa estava sendo realizada. Em 2001, a deputada petista Iara Bernardes havia apresentado à Câmara Federal um Projeto de Lei (PL122) com o intuito de ampliar a cidadania dos segmentos LGBT. Propondo a criminalização da discriminação de gênero e orientação sexual, esse projeto desencadeou uma série de embates entre os movimentos sociais e as lideranças religiosas na imprensa, na televisão nas rádios e nas redes sociais.

Em 2004, o governo Lula lançou “Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual” e essa nova iniciativa acirrou ainda mais os ânimos entre os religiosos que já se sentiam ameaçados pela possibilidade de serem judicialmente responsabilizados pelas suas manifestações sobre o tema das homossexualidades nos templos e na mídia. O PL 122 conseguiu ser aprovado na Câmara Federal em 2006, mas políticos/as com identidade religiosa evangélica conseguiram colocar entraves na sua tramitação no Senado Federal, onde as tentativas de acordo entre os representantes dos segmentos feministas e evangélicos se revelaram até agora infrutíferas.

Como se não bastasse, durante o período em realizávamos a investigação, a Rede Globo de Televisão transmitiu, no horário de maior audiência, a novela *Duas Caras* que, entre as diferentes tramas, explorava a relação de extrema intolerância e violência de uma personagem evangélica em relação aos homossexuais. A pesquisa se desenvolveria em meio a esse clima que colocava os líderes religiosos muito resistentes frente ao convite de participar da investigação. Só para exemplificar a nossa dificuldade, um líder da Igreja Evangelho Quadrangular chegou a convocar um dos advogados de sua comunidade religiosa para acompanhar a entrevista e esse profissional acabou opinando nas questões apresentadas.

Deve-se mencionar ainda o fato de que comunidades religiosas, como é o caso da judaica, são mais fechadas aos que não integram o grupo identitário. Como na equipe de pesquisadores não havia ninguém desse grupo étnico, solicitamos

ajuda de amigos, de conhecidos, de alunos e de dirigentes das múltiplas entidades e associações que se colocam como agentes coletivos da tradição judaica. Levamos quatro meses para conseguir agendar e entrevistar dois rabinos, mesmo assim porque aceitamos a condição de que uma das entrevistas ocorresse na presença do membro da comunidade e amigo de um dos integrantes da equipe de pesquisadores que havia intercedido por nós junto às autoridades judaicas.

Em meio a tantas desconfiças ainda tínhamos que iniciar as entrevistas com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que trazia não só nome da pesquisa sugerindo uma atitude discriminatória dos religiosos com os homossexuais, como também alertava ao entrevistado que esse poderia interromper a participação na pesquisa quando bem entendesse. Esse instrumento, que tem o objetivo de preservar os sujeitos da pesquisa tornou ainda mais difícil a apreensão das atitudes de preconceito com vários entrevistados/as procurando fazer considerações que se aproximassem do discurso **politicamente correto**. Apenas uma das vinte e duas lideranças interrompeu a entrevista: um rabino que alegou outros compromissos e pediu o retorno posterior da pesquisadora. A despeito da persistência da equipe, esse rabino não retomou a participação na pesquisa.

A análise dos discursos das lideranças deixou-nos com a sensação de que em estudos que querem verificar violência simbólica e discriminação religiosa, o procedimento da leitura do Termo de Compromisso mais atrapalhou do que nos ajudou. E que se persistir essa tendência de exigir a sua observância teremos que tratar de ter muito mais atenção na elaboração do projeto para evitar que as informações a serem transmitidas na leitura do Termo não retire a espontaneidade dos entrevistados. Voltaremos a esse tema na seção final desse artigo, depois de descrever os percalços enfrentados no trabalho de campo da segunda pesquisa. Antes, porém, gostaria de registrar que as opiniões dos entrevistados das cinco tradições religiosas sobre a temática da homossexualidade podem ser distribuídas num gradiente de posições que vai do polo mais tradicionalista para o liberal, em função não só das diferenças cosmológicas e dos sistemas morais, mas também da capacidade de reconfiguração de seus respectivos ideários frente às mudanças culturais.

As religiões judaicas e cristãs, a despeito da heterogeneidade interna, tendem a apresentar resistência à ampliação da cidadania dos homossexuais em função de seus respectivos sistemas de moralidade que associam as relações homoafetivas com a desobediência à norma e com o mal. De qualquer forma, é possível perceber a influência dos outros campos de conhecimento, em particular das Ciências Sociais e das áreas da Psicologia e da Psicanálise nas novas interpretações da Bíblia que começam a se difundir no interior das tradições católicas e evangélicas. Esses discursos contra hegemônicos aparecem entre os especialistas do sagrado que se

encontram em posições subalternas nas hierarquias religiosas – caso de sacerdotes e freiras que desenvolvem trabalho pastoral com grupo de gays e lésbicas na Igreja Católica –, ou que abandonaram suas antigas denominações e fundaram pequenas comunidades evangélicas que se auto denominam **Igrejas inclusivas**.

Os líderes das religiões mediúnicas tendem a apresentar posições morais mais flexíveis em relação às demandas de reconhecimento dos homossexuais e lésbicas. Os dirigentes dos grupos afro-brasileiros são os que dão menos peso para a orientação sexual dos indivíduos. Contudo, mesmo entre os representantes do Espiritismo, expressão religiosa que adota alguns princípios do cristianismo, foram encontradas leituras originais da doutrina espírita que beneficiam os sujeitos sociais com orientações sexuais distintas da norma heterossexual. (MACHADO ; PICCOLO, 2010).

Entrevistando líderes pentecostais sobre a contemporaneidade

O projeto da pesquisa “Líderes Pentecostais na América Latina: atitudes socioeconômicas e políticas” foi desenvolvido por um grupo de pesquisadores¹² e, como a investigação anterior, tem um caráter qualitativo com o uso da técnica de entrevistas semi estruturadas. Aqui, entretanto, a perspectiva comparativa foi adotada para o estudo das opiniões e iniciativas de líderes e fazedores de opinião pública no interior do segmento pentecostal evangélico. Originalmente realizaríamos um estudo comparativo de caráter internacional englobando dirigentes religiosos e líderes leigos/as do Brasil e do Peru. Dificuldades para viabilizar a pesquisa naquele país, fez com que revíssemos o projeto original ampliando a amostra na sociedade brasileira tanto no número de lideranças quanto dos grupos a que as mesmas representavam. Assim, para além de dirigentes das igrejas pentecostais clássicas e neopentecostais, procurou-se ouvir autoridades das chamadas igrejas “renovadas” dentro do segmento evangélico.

O objetivo dessa pesquisa era conhecer as posições de autoridades religiosas, dirigentes de instituições assistenciais e de ensino, assessores e legisladores políticos em relação às questões sociais, políticas e econômicas no plano mundial e nacional. O leque de temas era bastante amplo e pretendíamos recolher as opiniões e iniciativas dos líderes nas áreas cultural (com temas como o aborto, homossexualismo, questões de gênero, etc) e política(partidos, corrupção, eleições, etc.).

A proposta inicial era entrevistarmos quarenta líderes no Brasil e não estipulamos quotas por denominações religiosas, mas elaboramos uma lista com

¹² Participavam da equipe: Paul Freston (co-coordenador), Joanildo Burity e a autora desse artigo.

mais de uma centena de nomes de personalidades públicas: bispos, pastores/as, legisladores/legisladoras de diferentes grupos pentecostais e estados brasileiros. Ou seja, o critério para a seleção dos participantes foi o fato de representarem casos essenciais para o foco da pesquisa (FREITAS et al., 2000). Como os integrantes da equipe de investigação já estudavam o pentecostalismo há vários anos, a identificação dos nomes dos dirigentes mais importantes e dos formadores de opinião não foi uma tarefa difícil, mas enfrentamos alguns obstáculos durante a investigação¹³.

O agendamento foi feito por telefone e/ou e-mail e as entrevistas foram realizadas no local indicado pelo entrevistado, como na pesquisa anterior. A existência de vários parlamentares em nossa amostra fez com que muitas entrevistas fossem realizadas dentro dos gabinetes das casas legislativas e alguns dos entrevistados interromperam o depoimento com a desculpa de que tinham que ir para o plenário e/ou para comissões de trabalho e pediram ao entrevistador que retornasse em outra ocasião para complementá-la. Os que procederam dessa forma não voltaram a nos receber, seus assessores alegavam problemas na agenda. Essas entrevistas, ainda que incompletas, estão sendo analisadas.

Existe uma vasta literatura refletindo sobre as implicações que os vínculos de pertença com o grupo estudado podem ter em uma investigação científica (THOMPSON, 1992; DA MATTA, 1978), aqui devo alertar que, embora dois pesquisadores e um doutorando fossem evangélicos, não eram pentecostais e tinham uma larga experiência de pesquisa. Estabeleceu-se, assim, uma grande empatia entre os sujeitos da pesquisa e os entrevistadores do campo evangélico. Como outsider, eu devo confessar que enfrentei muito mais dificuldade para construir uma relação de confiança com os/as líderes e conduzi um número bem menor de entrevistas do que os meus colegas. Um dos parlamentares, embora estivesse me recebendo fora de seu gabinete, concedeu a entrevista na presença de seu assessor e de um tio político, que fizeram questão de se sentar junto a nós e acompanhar toda a conversa. Mesmo entre as mulheres, a resistência em me receber foi muito grande.

Foram realizadas entrevistas com cinquenta e oito lideranças que na ocasião da pesquisa desenvolviam atividades nas cidades de Salvador, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Campinas e Rio de Janeiro. Quase todos tinham cargo eclesástico – pastores/as, missionários/as, bispos, presbíteros – e dezoito entrevistados do sexo masculino acumulavam ou haviam se licenciado de seu cargo na igreja para assumir uma cadeira na Câmara Federal, Assembleias Legislativas ou nas Câmaras Municipais das cidades listadas acima. Foram entrevistados também

¹³ As entrevistas foram realizadas entre 2011 e abril 2012 por Paul Freston, Maria das Dores Campos Machado e os doutorandos Robson Souza, Laura Machado.

alguns pastores que dirigiam instituições assistenciais e assessores políticos com atuação no Congresso Nacional. A maioria é pentecostal, mas foram entrevistados alguns líderes de segmentos das igrejas históricas que se pentecostalizaram nas últimas décadas, como é o caso da Igreja Batista Renovada¹⁴.

Embora o processo de revisão do sistema de distribuição da autoridade entre homens e mulheres esteja em curso em várias denominações pentecostais, com algumas igrejas abandonando a interdição feminina do sacerdócio, nessa pesquisa conseguimos ouvir proporcionalmente menos mulheres do que na anterior. De modo que o grupo estudado foi composto por cinquenta homens e oito mulheres. Sete dessas mulheres se declararam pastoras e uma era missionária. Duas pastoras haviam fundado as igrejas que dirigem atualmente, outras duas estavam assessorando pentecostais que atuam na política e uma havia exercido mandato como deputada estadual. Assim, embora o número de mulheres seja bem menor do que o dos homens, as entrevistadas são pessoas com grande projeção no segmento pentecostal.

Como na pesquisa sobre relações de gênero e as múltiplas sexualidades, observamos a interferência da conjuntura política no contexto das entrevistas. Durante o período do trabalho empírico ocorreram vários embates entre os congressistas filiados à Frente Parlamentar Evangélica e o Governo Federal e isso fez com que muitos dos entrevistados acabassem por priorizar o exame das divergências do segmento religioso em relação à política proposta. A primeira situação de tensão ocorreu logo nos primeiros meses de 2011 e se refere ao lançamento do material didático do MEC para a inclusão do tema da diversidade sexual nas escolas. Em janeiro de 2012, ocorreu o segundo conflito quando o Ministro Chefe da Secretaria Geral da Presidência, Gilberto Carvalho, comentou no Fórum Social Mundial que as propostas de revisão na legislação do aborto não avançavam por causa dos evangélicos conservadores e que seria necessário travar uma disputa ideológica com esses setores para influenciar os grupos em ascensão na sociedade brasileira. Pouco dias depois, a presidente Dilma indicou a feminista Eleonora Menicucci para a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres e essa indicação, juntamente com os comentários de Gilberto, reacendeu a discussão em torno do aborto.

Os três eventos influenciaram as entrevistas favorecendo a abordagem dos blocos de questões relacionadas às questões de gênero, direitos humanos, laicidade e sexualidade, mas com isso não conseguimos que todos os entrevistados opinassem

¹⁴ Assembléia de Deus (17); Batista Renovada (11); Betesda (2); Bola de Neve (1); Brasil Para Cristo (2); Comunidades Evangélicas (5); Comunidades Terapêuticas (2); Cruzada Mundial de Missões (1); Igreja Cristã Nova Vida (2); Igreja Apostólica Internacional (1); Igreja do Evangelho Quadrangular (4); Igreja do Nazareno (1); Igreja Missionária Evangélica Maranata (1); Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1); IURD (2); Ministério Koinonia (1); Nova Vida (2); Presbiteriana (3); Sara Nossa Terra (1).

sobre a totalidade de temas que integravam o roteiro original, que era realmente longo. De qualquer forma, as entrevistas duraram em média duas horas, resultando num riquíssimo material empírico.

Como o montante de entrevistas era muito grande e tínhamos uma quantidade significativa de dimensões a serem analisadas, acabamos recorrendo à ajuda de consultores e adotamos o programa de informática N-Vivo para a análise dos dados coletados. O ideal era que tivéssemos feito isso antes do início das entrevistas, atentando para que todos os entrevistados se posicionassem sobre os temas de nosso interesse. Mas mesmo assim, os consultores elaboraram uma **Árvore de Nós** a partir das principais questões da pesquisa e as cinquenta e oito entrevistas foram codificadas. O trabalho de análise do conteúdo das entrevistas está sendo feito a partir dos relatórios gerados em função das temáticas a serem trabalhadas.

Da mesma forma que no estudo das percepções dos atores religiosos sobre a homossexualidade e as demandas dos movimentos pela diversidade sexual, na pesquisa com os/as líderes pentecostal fizemos clippings de dois jornais pentecostais da Assembléia de Deus, que é a maior igreja pentecostal do Brasil¹⁵. Foram também levantados os projetos de lei apresentados pelos entrevistados no Congresso Nacional, Assembléias Legislativas Estaduais e Câmaras Municipais. Todo esse material tem um caráter complementar e nos ajudará a contextualizar as opiniões emitidas pelos/as líderes quando de nossos encontros.

Os resultados preliminares indicam que a maioria dos entrevistados entende a participação nas disputas eleitorais e nas casas legislativas como uma estratégia fundamental para garantir a reprodução da moral cristã na ordem social brasileira atual. O discurso hegemônico é construído a partir dos riscos de desestruturação social com a difusão das ideologias concorrentes, o avanço dos movimentos feministas e homossexuais, e a crescente judicialização da sociedade. Assim, a atuação dos pentecostais na esfera pública é interpretada por esses dirigentes como uma política de **contenção moral**, mas também de **sobrevivência** das próprias Igrejas cristãs.

A análise das dimensões culturais revela dificuldades no processo de revisão da ordem de gêneros no interior dos grupos pentecostais, com a maioria dos líderes se posicionando contra a possibilidade de mulheres assumirem o cargo de pastoras titulares em suas comunidades religiosas, rejeitando as demandas feministas de descriminalização do aborto e as reivindicações de ampliação da cidadania de homens e mulheres com orientações sexuais distintas do padrão heterossexual.

¹⁵ O *Mensageiro da Paz*, da Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil e O *Semeador* da Convenção Nacional das Assembléias de Deus Ministério Madureira.

Deve-se acrescentar que, a despeito da hegemonia desta visão tradicionalista das relações de gênero e da sexualidade humana, crescem as vozes dissonantes no pentecostalismo com uma parcela dos entrevistados reconhecendo a necessidade de combater a discriminação com base na orientação sexual e defendendo que o problema do aborto é um problema de saúde pública. Para esses entrevistados, a agenda política dos evangélicos deveria ser mais social do que atrelada aos temas da moral sexual e do aborto. Em síntese, percebe-se uma ampliação da tendência de adaptação às mudanças em curso na sociedade brasileira no interior de diferentes denominações pentecostais.

Considerações finais

O relato dessas duas experiências de pesquisa permite que levantemos algumas questões importantes para quem está desenvolvendo estudos na área da Sociologia da Religião e com personalidades públicas na sociedade brasileira. O primeiro ponto a assinalar é que, de uma forma geral, os/as líderes têm uma agenda apertada e estão cercados de assessores/as e secretários/as que lançam mão desse fato para justificar a negativa em participar de uma investigação científica, principalmente quando se trata de um tema polêmico. No caso dos políticos, esse problema é mais acentuado, pois eles se dividem entre as casas legislativas e as suas bases eleitorais e não é fácil coordenar o trabalho de realização de entrevistas. Em nossa pesquisa, muitas entrevistas foram realizadas em Brasília, aproveitando os dias de votação na Câmara Federal. Como recebem muitos e-mails, mensagens através do correio eletrônico não funcionam com os políticos e a principal forma de abrir portas é mesmo através da intermediação de alguém da comunidade religiosa ou grupos afins.

Uma vez agendada a entrevista, o pesquisador tem que estar preparado para lidar com pessoas com grande capacidade de oratória e um discurso que nem sempre é fácil de desconstruir. Deve-se considerar ainda que grande parte dos parlamentares pentecostais brasileiros são pastores/as, presbíteros/as, diáconos/diaconisas ou missionários/as. Alguns estão licenciados dos cargos, mas outros acumulam as funções políticas com as espirituais. Ou seja, esses/as líderes são **portadores/as de uma tradição** e estão imbuídos/as de uma autoridade, exigindo uma grande destreza do entrevistador. O ideal é que o entrevistador procure obter o máximo de informações possíveis sobre o/a entrevistado/a e seu grupo confessional. Mas mesmo assim, não estará livre de percalços e surpresas das mais diferentes ordens, como o gravador falhar justamente no momento em que a entrevista começava a melhorar, ou ver o encontro ser interrompido por um assessor que menciona os outros compromissos do/a entrevistado/a.

Estabelecer uma relação de confiança com o/a entrevistado/a é uma tarefa fácil quando investigamos lideranças de grupos sociais que estão em embates na esfera pública com outros atores sociais coletivos. Caso dos/as líderes religiosos/as da primeira pesquisa, em especial dos/as pastores/as pentecostais cuja ideologia colidia com a agenda política dos movimentos pela diversidade sexual. A apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a garantia do anonimato se por lado pode atenuar o receio de uma exposição negativa junto aos movimentos sociais e à sociedade mais ampla, pode também reforçar o autocontrole e a vigilância dos entrevistados sobre as considerações emitidas, dificultando a apreensão da lógica sob a qual os/as líderes religiosos/as percebem a realidade. De qualquer maneira, a técnica empregada permitiu aprofundar alguns tópicos importantes, captando, por exemplo, por meio da narrativa do/a entrevistado/a, suas representações sociais sobre sexualidade e outros tópicos (MACHADO; PICCOLO, 2010).

Outro desafio tem a ver com as características do movimento religioso que mais expande atualmente, o pentecostalismo, que é bastante fragmentário e dinâmico. Essas características fizeram com que nas duas pesquisas tentássemos ouvir lideranças de diferentes igrejas – quatro na primeira e quase duas dezenas na segunda – e mesmo assim, fomos surpreendidos pela mobilidade institucional da liderança. Nesse setor evangélico, em que o crescimento resulta, entre outras coisas, das disputas no interior dos grupos e produzem freqüentes seccionamentos, realizamos entrevistas com lideranças que revelaram aos pesquisadores terem mudado de instituição religiosa ou que a sua comunidade confessional estava revendo algumas de suas doutrinas. Esse fenômeno acabou por colocar os pesquisadores/as frente a uma série de segmentos confessionais como os da Assembléia de Deus Ministério Madureira, Assembléia de Deus Ministério de Belenzinho, Assembléia de Deus Ministério São Cristóvão, etc. para ficar no exemplo da mais conhecida denominação pentecostal. Algumas entrevistas revelaram também grupos em processo de “despentecostalização” e nos levaram a rever os sistemas classificatórios que orientaram a elaboração do projeto de pesquisa.

Para finalizar, gostaria de acrescentar que essas duas experiências me ensinaram que além do: conhecimento da literatura especializada; dos meios tecnológicos mais adequados; do respeito e da empatia com o grupo estudado e da disposição e flexibilidade para ouvir o outro, o/a pesquisador/a tem que ter muita criatividade para superar os obstáculos e estar atento para as ambivalências e mudanças do e no fenômeno sociológico estudado.

RESEARCH WITH RELIGIOUS LEADERS: ETHICAL AND METHODOLOGICAL ISSUES

ABSTRACT: *This article analyses the methodological approach of two qualitative research projects intended to get to know religious leaders perceptions and attitudes on a number of contemporary problems. Involving social agents from different traditions and groups within the same religion, those surveys faced several difficulties and required a lot of creativity from researchers to find solutions in order not to affect the understanding of the problem under the analysis. Divided into four sections, I begin with a brief introduction on the current situation of comparative research in religious studies. Along the second section, I review a research on opinions and initiatives of religious leaders about multiple sexualities. Along the third section, I discuss the methodology and challenges faced in a research with Pentecostal leaders on social, economic, cultural and political issues. By the last section, I present some considerations on the complexity of researches with well-known personalities in the subfield of sociology of religion.*

KEYWORDS: *Research. Methodology. Leadership.*

Agradecimentos

Agradeço a Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida pelo CNPq para o desenvolvimento do Projeto “Religião e formação de lideranças políticas na contemporaneidade”. Sou grata também ao Ministério da Saúde pela ajuda financeira ao Projeto “Homofobia e Violência” e ao Pentecostal and Charismatic Research Initiative (PCRI) da University of Southern California que financiou o projeto *Pentecostal Leaders in Latin America: Political and Socio-Economic Attitudes*.

Referências

BENEDETTI, L. R. **Templo, praça, coração:** a articulação do campo religioso católico. São Paulo: Humanitas, 2000.

BIRMAN, P. **Fazer estilo, criando gêneros:** possessão e diferença de gênero em terreiro de Umbanda e de Candomblé. Rio de Janeiro: Relume-Dumarã, 1995.

CARRANZA, B. **Renovação carismática católica: origens, mudanças e tendências**. 2. Ed. Aparecida: Santuário, 2000. v.1200.

CARRANZA, B. (Org.); MARIZ, C. L. (Org.); CAMURÇA, M. (Org.). **Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida: Idéias & Letras, 2009. v.1.

CAMARGO, C. P. F. et al. **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1975.

DA MATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E. O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FERNANDES, R. C. **Novo Nascimento**. Rio de Janeiro: ISER/Mauad, 1988.

FREITAS, H. et al. O método da pesquisa *survey*. **Revista de Administração**, São Paulo, v.35, n.3, p.105-112, jul/set. 2000.

FRESTON, P.; ANTONIAZZI, A. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. 1993. 330f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

FRY, P. **Pra inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

JACOB, C. R. **Religião e sociedade em capitais brasileiras**. Rio de Janeiro: Ed. da PUC, 2006.

JURKEWICZ, R. S. Cristianismo e homossexualidade. In: GROSSI, M. P. et al. (Org.) **Movimentos Sociais, educação e sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

LANDES, R. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2002.

MACHADO, M. D. C. Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de AIDS. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.11, p.275-302, 1998.

_____. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa e seus efeitos na esfera familiar**. Campinas: Autores Associados: ANPOCS, 1996.

MACHADO, M. D. C.; MARIZ, C. L. Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n.45, p.24-34, 1994.

MACHADO M. D. C.; PICCOLO, F. D. **Religiões e homossexualidades**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, C. Pentecostalismo e renovação católica e comunidade de base: uma análise comparada. **Cadernos CERIS**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.11, 2001.

_____. **Coping with poverty**: pentecostals and base communities in Brazil. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

MARIZ, C.; MACHADO, M. D. C. Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. **Antropolítica**, Niterói, v.5, p.21-44, 1998.

NATIVIDADE, M. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. In: HEILBORN, M.L. et al. (Org.) **Família, sexualidade e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. Carreiras homossexuais no contexto do pentecostalismo: dilemas e soluções. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.23, n.1, 2004.

NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. Religião e intolerância à homossexualidade. In: SILVA, V. G. (Org.) **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2007. p.261-302.

ORO, A. P. Religiões e eleições em Porto Alegre: um comparativo entre 2000 e 2004. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 5, n.6, 2004.

PRANDI, R. **Um sopro do espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: EDUSP, 1998.

PIERUCCI, A. F. **Igreja**: contradições e acomodação. São Paulo: Brasiliense: CEBRAP, 1978.

RIBEIRO, L. **Sexualidade e reprodução**: o que os padres dizem e o que deixam de dizer. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROESE, A. Deus escolheu as cousas loucas... para envergonhar os fortes. **Revista Mandrágora**: religião e homossexualidade, São Paulo, n.5, p.49-60, 1999.

SEGATO, R. Inventando a natureza: família, sexo e gênero no Xangô de Recife. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, n.85, 1986.

THOMPSON, P. **A voz do passado-história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Maria das Dores Campos Machado

VALLE, E. A Igreja Católica ante a homossexualidade: ênfases e deslocamentos de posições.
Revista Estudos da Religião, São Paulo, n.1, p.153-185, 2006.

Recebido em 03/09/2012.

Aprovado em 12/12/2012.